

CECÍLIA, ANTERO E OS CAMINHOS PARA A PERFEIÇÃO

*Maria Margarida Maia Gouveia**

RESUMO

Na formação literária de Cecília, a literatura portuguesa desempenhou um papel importante, nomeadamente o caso exemplar da poesia e da prosa metafísica de Antero. Porém, enquanto em Antero as preocupações com a morte e o Além assumem uma forma dramática, com diálogos, espectros e “cavalgadas ideais”, em Cecília nota-se uma serena e amarga aceitação da vida. Em Antero pesam ainda fórmulas românticas de expressão poética; em Cecília verifica-se uma linguagem mais elaborada e herdeira do simbolismo.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Antero de Quental; Contemplação; Metafísica; Budismo.

Eu estava livre de imagens
E de mim mesmo.
Alto, longe, tão seguro,
Só por solidões suspenso:
Ah, o passageiro absoluto
Do eterno tempo.
(Cecília Meireles)

Antero de Quental, o mais poeta dos pensadores e o mais pensador dos poetas que a língua portuguesa já teve. (Cecília Meireles)

No contexto panfletário e emocional da célebre “Questão Coimbrã”, na carta “Bom Senso e Bom Gosto”, já Antero de Quental, com os seus vinte e três anos, nos deixa uma serena e luminosa afirmação de crença no Bem como fim de todas as coisas, como “caminho de Perfeição”:

As grandes, as belas, as boas coisas só se fazem quando se é bom, belo e grande.
Mas a condição da grandeza, da beleza, da bondade, a primeira e indispensável

* Universidade dos Açores.

condição, não é o talento, nem a ciência, nem a experiência: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independência da alma e a dignidade do pensamento e do carácter.

Para Eça, a principal linha ética do pensamento de Antero é o “constante aperfeiçoamento e a progressiva santidade” (Queirós *apud* Quental, 1991, p. 215). O caminho anteriano da “santidade” começara, afinal, bem cedo, no meio das tumultuosas iras da juventude.

Em Cecília, a “serena desesperada”, o percurso pode parecer bem mais “tranquilo”, posto que não deixe de ser, à sua maneira, bem torturado. Não será mesmo improvável uma filiação literária de Cecília em relação a Antero, cujo prestígio para a geração da autora de **Mar absoluto** já estava completamente afirmado.¹ É como se se dissesse que Antero é um “clássico” da expressão poética da angústia, como Garrett é um “clássico” da expressão da saudade e do amor.

Na sua pujança e originalidade, a Literatura Brasileira nunca desdenhou os filões “inspiradores” advindos da Literatura Portuguesa. Para o caso de Antero, há um trabalho, entre outros, de Alberto da Costa e Silva dedicado a “Antero no Brasil”, bem como o de Tasso da Silveira, sobre “Antero e Cruz e Sousa”. A nosso ver, porém, seria de tentar levar mais longe esse confronto de autores e obras ligados à expressão lírica de uma angústia existencial que tem a ver com o caminho da perfeição.

Vamos desde logo lembrar que, se Antero tem um soneto intitulado “Espectros”, Cecília Meireles a um discreto e quase desconhecido livrinho publicado em 1919 (aos dezoito anos de idade) pôs o significativo título de **Espectros** (no qual um poema é também assim intitulado). É uma obra formalmente ligada às sugestões estéticas do Parnasianismo, não lhe sendo alheios os temas arqueológico-históricos e bíblicos da poesia simbolista.

No caso desta jovem estreante (trata-se mesmo de um livro de estréia), os espectros são “silenciosos fantasmas de outra idade”, visitas de um passado histórico da Bíblia, de Roma, da Índia... Estes espectros são também noturnos, como os de Antero (“noites tempestuosas”, “Vendaval estronda”, “estremece tudo”), mas não têm aquele carácter fatal da inquietação constante, a “angústia imensa”, a ponta de lança da descrença com que termina o soneto anteriano “Espectros”:

Bem os sinto [os espectros] verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!
(Quental, 1933, p. 87)

¹ Ela própria, em momentos diversos, se referiu a Antero de Quental: em “O Espírito Victorioso” (1929), na antologia **Poetas Novos de Portugal** (1944), numa carta ao poeta e amigo açoriano Côrtes-Rodrigues, tendo ainda abordado aspectos da vida e da obra do autor dos **Sonetos** numa conferência que proferiu no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Mas, apesar das diferenças de idades e do peso do drama anterior, as aproximações vão se tornando pouco a pouco visíveis. Em 1925, em **Nunca mais... e poema dos poemas**, já nos parece possível confrontar o niilismo e o desânimo de Cecília com a “ilusão e o vazio universais” da poesia de Antero.

O eu d’ “O palácio da Ventura” parte da ilusão e percorre um caminho que ilusoriamente conduz ao “silêncio e escuridão”, ao nada:

Abrem-se as portas d’ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!
(Quental, 1933, p. 42)

É também de notar que o terceto que fecha o soneto ceciliano “À hora em que os cysnes cantam” exprime as “ilusões” da existência, ainda que num tom de dor disciplinada e contida, dor serena:

Todas as negações. Todas as negativas.
Ódio? Amor? Elle? Tu? Sim? Não? Riso? Lamento?
Nenhum mais. Ninguém mais. Nada mais. Nunca mais...
(Meireles, 1923, p. 14)

Como se vê, a anterioriana “cavalgada metafísica” tem correspondências na poesia de Cecília Meireles. É ainda esta a idéia que estrutura outros poemas cecilianos, mesmo considerando as obras de maturidade. Cite-se “Cavalgada” (**Mar absoluto**, 1945):

Escuta o galope certo dos dias
Saltando as roxas barreiras da aurora.
.....
Se alguém os suplicasse: “Parem!”
– não parariam – que invisível látego
ao flanco impôs-lhes ritmo certo.
.....
Entre essas patas de aço e nuvem,
Estão presos teus campos e teus mares.
.....
Depois, continuarão saltando, mas tão longe
que não perturbarão tuas pálpebras soterradas.
(Meireles, 1983, p. 250-251)

O imponderável galope dos dias, entre “patas de aço e nuvem”, entre o duro e o imponderável, marca fatalmente “o tempo de cada um” (“que invisível látego/ ao flanco impôs-lhe ritmo certo”) até à hora final de cada um.

Como noutra contexto afirmamos, há nos dois poetas uma busca espiritual “que se diversifica na expressão: em Cecília, uma linguagem fortemente meditativa e

abstrata; em Antero, uma linguagem plástica que descreve espaços e recorre a diálogos. Talvez até se possa dizer que a primeira monologa, o segundo dialoga – com a Noite, com a Morte, com a Razão e outros entes espectrais. Assim, a poesia de Cecília enumera com profusão elementos concretos com forte valor abstratizante: sidéreo “pasto”, “rebanhos” de ar, pastora de “nuvens”, “mar” abstrato, “mar” absoluto, “barcos” sobrenaturais. Nos sonetos de Antero, o cavaleiro atravessa desertos, enfrenta sóis, mergulha na escuridão. [...] Os companheiros, quando os há, são ainda entes fantasmagóricos – “peregrinos singulares” – símbolos de um sistemático e obsessivo pessimismo, com os quais dialoga:

Quem sois vós, peregrinos singulares?
 Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
 Atraz d’ elles a Morte espreita ainda...
 “Em viagem”
 (Gouveia, 2001)

Enquanto Antero é poeta por causa das suas dúvidas filosóficas (lembre-se que dele disse Eça que a sua poesia era a expressão lírica de uma angústia metafísica...), Cecília optou de raiz por uma atitude essencialmente poética, lírica. No caso dela, estaremos perante uma poesia em que o ato poético é um fim em si próprio, sem que com ele se procure traduzir a angústia do além, uma ponte com o Invisível, uma dúvida metafísica. Na poesia ceciliana, “a canção é tudo”. A poetisa realiza-se no próprio ato poético que cristaliza em palavras:

Sou poeta

 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 No vento.

 Sei que canto. E a canção é tudo.
 (Maireles, 1983, p. 81)

Ao contrário do corcel do cavaleiro em busca do palácio encantado, atormentadamente desiludido com o silêncio, a escuridão e nada mais, Cecília atravessa o tempo (“noites e dias”) numa neutralidade de sentimentos, impelida apenas pela necessária condição de ser poeta. Note-se as negações:

Não sou alegre nem sou triste
 não sinto gozo nem tormento
 – não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.
 (Maireles, 1983, p. 81)

O que ela sabe – e lhe basta – é que canta e que a canção é tudo: um princípio, um fim e uma travessia. Uma travessia contingente, aceite com resignação:

E um dia sei que estarei mudo:
mais nada.
(Maireles, 1983, p. 81)

Resignação, serenidade, amargura, e não os ímpetos, os altos e os baixos do Antero das alternâncias diurnas e noturnas.

Os cavaleiros de Antero são “reais”, são uma expressão plástica e descritiva de um cavaleiro real que caminha para o nada; a “história” que se conta no soneto “O palácio da Ventura” é o desembocar da vida na “ilusão e vazios universais”.

Tomemos agora o exemplo de um poema de Cecília, publicado no **Portugal Feminino**, em 1931. Este poema, muito pouco conhecido, também mostra um sujeito lírico assumido num cavaleiro que também (tal como em Antero) poderá cair pelo caminho:

Eu sou um cavaleiro que vai cavalgando
Com o pássaro de ouro do sonho pousado,
Pousado na mão.

O pássaro estranho, brasão de uma sorte:
Com um pouco de corvo e de águia e milhafre
E ibis e faisão...

De um lado da vida do sul? Ou do Norte?
Virá um cavaleiro também cavalgando,
Com uma lança comprida na mão.

É possível que venha a cair no caminho
O meu corpo, rasgado com a lança...
É possível que fique no chão...

Eu porém, sem o meu corpo, ainda irei cavalgando,
Com este pássaro de ouro pousado, pousado,
Na forma invisível da mão...
(Maireles, 1931, p. 2)²

Porém, como se vê no último terceto, enquanto o cavaleiro de Antero permanece até ao fim cavaleiro e a sua cavalgada envolve referências do mundo do real (desertos, sóis, espadas, noite, palácio, portas, etc...), a cavalgada deste poema de Cecília não é a história de “um sonho que se conta”, é a história de “um sonho que se é”: abstração, aeridade, desprendimento carnal: “sem o meu corpo, ainda irei cavalgando”.

² Este texto foi-me facultado por atenção de Ana Maria Oliveira (Assis, São Paulo).

Nos últimos dois versos, “pássaro” e “invisível” indiciam essa tônica de abstrações, de aridade, que marcará toda a escrita da autora do “Romance das palavras aéreas”... De resto, lirismo de “íntima meditação abstracta”, a poesia de Cecília, “mesmo quando evoca ou narra de pessoas concretas, não está dizendo nada” (Sena, 1964).

Este lirismo abstrato será o rosto constante da poesia de Cecília que não sofre as alternâncias da poesia de Antero, em cuja alma se debatiam, por um lado, “a fé na espiritualidade” (Quental, 1989b, p. 804), a “invencível necessidade de idealismo” (Quental, p. 805) mas, por outro, o “pessimismo vácuo” (Quental, p. 837) e o desespero, e, fundamentalmente, uma idéia-chave que ele assume que é a compreensão da vida a partir da compreensão da Morte:

A ideia da Morte é a base da vida moral. [...] a consciência da sua [do homem] finitude é que lhe faz sentir que o *eu pessoal* sendo nada, não é para esse que deve viver, mas para algo de eterno. [...]

Mot de la fin: saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver. (Quental, 1991, p. 79)

Serenidade não significa ausência de angústia, nem num nem noutra poeta. De resto, em ambos, há um estoicismo que nos parece ser um dos pontos de confronto mais evidentes.

Na carta a Antônio de Azevedo Castelo Branco, Antero falara mesmo em estoicismo:

O volver do século pede-nos força e não sensibilidade; impõe-nos um estoicismo à altura da ciência do tempo e dos grandes acontecimentos do drama actual. (Quental, 1989a, p. 117)

Um estoicismo que para ser “à altura da ciência e do tempo” teria que obrigar a uma atitude racional, mais pensada do que sentida – o lado anteriano que “pensa o que sente” (Oliveira Martins). Posteriormente, em 1885 (data em que anuncia a “morte do poeta”), escreve a Francisco Machado de Faria e Maia, explicando-lhe que o seu estoicismo exige especulação, construção de um sistema, isto é, Antero era, ou queria ser, estruturalmente um filósofo.

Não penses, porém, por isto, que acabei em reduzir, como os estóicos dos últimos tempos romanos, toda a Filosofia à moral, com a preocupação exclusiva da direcção da vida. Continuo pois especulando, e tenho lido e pensado bastante, possuindo hoje um conjunto definido e ligado de ideias, como quem diz, o meu sistema. (Quental, 1989b, p. 729)

Na carta a Jaime Batalha Reis (24 de dezembro de 1885), axial para explicar a “morte do poeta” e a sua conversão em filósofo, volta à relação pessimismo/otimismo, no que parece ser uma afirmação lapidar em que o homem se define: “Extrair

do pessimismo o optimismo, por um processo racional, tem sido afinal o trabalho da minha vida” (Quental, 1989b, p. 761).

O estoicismo de Cecília Meireles é bem mais “sentimental”. Com efeito, já nos poemas anteriores à publicação de *Viagem*, a poetisa medita estoicamente no “fantasma espiritual do [s]eu destino” (Meireles, 1923, p. 18), concluindo pela renúncia, despojamento da carnalidade e opção pela interioridade:

Silenciosa. Imprecisa. Etherea taça
Em que adormece luar... Delicadeza...
Não se diz... Não se exprime... Não se traça...
(Meireles, 1923, p. 95)

Encarando a arte como forma de sublimação da dor, a poetisa supera o pessimismo pela transfiguração da realidade, fazendo pesar uma atmosfera de sobrenatural, de

Silencio! Divindade! Iniciação!
(Meireles, 1923, p. 95)

Embora se possa dizer que em ambos, Cecília e Antero, há um diálogo com o Invisível, este assumiu em cada um uma forma muito própria: mais lírica, mais serena e conformada, ou mais dramática, mais tumultuosa, entre “líricas e lógicas”. Curiosamente, porém, confluíam em algo comum, advindo da sedução do Oriente.

Com efeito, no fim da sua curta vida, Antero encontraria no Budismo uma fonte de síntese e de apaziguamento. Na célebre carta autobiográfica a Wilhelm Storck (1887), confessaria que as suas doutrinas tinham muito de comum com o Budismo. Iria mesmo ao ponto de imaginar como “saída” para a grande encruzilhada de doutrinas e filosofias do seu tempo uma fusão da filosofia do Ocidente com o Budismo:

O Ocidente produzirá, pois, por seu turno o seu Budismo, a sua doutrina mística definitiva, mas com mais sólidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o Oriente. (Quental, 1991, p. 839)

Cerca de dois anos mais tarde (2 de fevereiro de 1889) escreverá a Jaime de Magalhães Lima que a fórmula da sua vida seria o “Helenismo coroado por um Budismo”, pois este traria uma maior compreensão da dimensão transcendente da vida. “O Budismo é um estado psicológico puro, que, por isso que pressupõe os anteriores menos puros, não os pode negar absolutamente” (Quental, 1989b, p. 925), o que evidencia, no pensamento de Antero, uma linha de crença na evolução perfeccionista da Humanidade.

Em Cecília, esta sedução do Oriente começa muito cedo e assume a forma de ligação ao espírito da filosofia e da cultura orientais, embora sem perder uma re-

lação forte com o Ocidente. De fato, Cecília Meireles, como ocidental, vai buscar ao pensamento de Gandhi aspectos em que este mais deve ao Ocidente, nomeadamente o pacifismo e o humanismo de Tolstoi, que tanto influenciou a cultura finissecular.

Não longe ainda do pensamento oriental, a espiritualidade de Cecília procura a integração do efêmero no eterno, revelando nítidas afinidades com o princípio indiano de desintegração das contingências. Era-lhe insuficiente o tempo retilíneo do cristianismo, em que a História termina “no fim da linha”, em salvação ou condenação; no Oriente, incontestavelmente de grande ressonância cultural no Ocidente,³ encontra o sentido de libertação pelo culto da interioridade, e possível no lado de cá da existência. Por outras palavras, a salvação é o estar na Verdade, não é a recompensa do reino de Deus no fim da vida. Chegaria mesmo a confessar: “Não creio nem descreio de nada. Não desejo, não espero – nem a salvação. Vivo. Como é possível” (*apud* Cristóvão, 1983, p. 517).

A interiorização e superação do tempo em Cecília revelam, pois, pontos de contato com princípios fundamentais do Budismo e de outras escolas de espiritualidade. Para estes

Este tiempo sutil (Sūkshma) es el trampolín para saltar a lo atemporal y eterno. [...] No solamente en el budismo, sino también en otras escuelas de espiritualidad, este instante adquiere una connotación Kairológica. Es decir, que la salvación, el despertar, la liberación del yugo temporal, puede conseguirse en cada instante [...]”. (Panikkar, 1979, p. 81)

Mesmo não encontrando resposta para todas as questões, Cecília poeticamente reinventa um presente eternizado, sem conflitos entre o cá e o lá, um tempo de sempre e nunca ou do eterno instante que, ao contrário de Antero, rompe com complexos pensamentos lógicos:

Com pensativos vagares,
De fundos poços me abeiro:
Chorar é muito mais fácil
E talvez mais verdadeiro.
(Meireles, 1983, p. 278)

Mas a diferença essencial entre Cecília e Antero reside, a nosso ver, no fato de serem duas personalidades muito diferentes, quando postas perante as dúvidas existenciais e metafísicas. Por mais que ela diga “a minha loucura é como a de Antero, muito ordenada, sem tumultos, sobretudo sem ruído” (*apud* Sachet, 1998, p. 14),

³ “[...] enquanto existiu na consciência do Ocidente, o Oriente era uma palavra que acrescentou a esta um largo campo de sentidos, associações e conotações, e que estas não se referiam necessariamente ao Oriente real, mas ao campo que rodeava a palavra” (Said, 1990, p. 201).

a verdade é que encontramos no percurso existencial de Antero uma diatribe de luz e sombra, de diurno e de noturno (para usar a linguagem consagrada pela crítica), enquanto que a “loucura” de Cecília não nos parece ser – pese embora a auto-confissão ceciliana – como a de Antero, mas sim serena, ordenada, conformadamente aceite toda a vida. Como tivemos ocasião de sustentar em trabalho anterior, as sombras cecilianas não são tormentosas angústias noturnas mas serenas inquietações com as quais aprendeu a conviver:

Sombras conheço:
não lhes ordeno.
Como precedo
meu sonho inteiro,
e após me perco,
sem mais governo?!
(Meireles, “Auto-retrato” In: *Mar Absoluto*, 1983, p. 225)

Ambos estão, porém, situados do lado de “cá” da existência, povoada por sombras, assumida em sonhos que impelem a contingente existência humana – pois que, segundo a lapidar expressão da peça de Pedro Calderón de la Barca, “toda la vida es sueño”.

RÉSUMÉ

Cecília Meireles ne cache pas son admiration pour Portugal et sa littérature et, d’ailleurs, c’est le poète lui-même qui ne manque pas de relever le rôle joué par cette littérature en ses années de formation, comme c’est le cas exemplaire de la prose et de la poésie métaphysique de Antero. Mais, alors que dans la poésie de Antero ce sont les préoccupations pour la mort et l’Au-delà qui émergent sous une forme dramatique – dialogues, spectres et “chevauchées idéales”, Cecília laisse transparaître une sereine et amère acceptation de la vie. Aussi, la poésie de Antero finit-elle par conduire le langage à explorer les formules romantiques; l’expression de Cecília devient plus élaborée, se plaçant sous le signe du symbolisme.

Mots-clé: Cecília Meireles; Antero de Quental; Contemplation; Métaphysique; Budisme.

Referências bibliográficas

- CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Inéditos de Cecília Meireles (e cartas a Maria Valipi). In: **Cruzeiro do Sul a Norte**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. p. 507-522.
- GOUVEIA, Maria Margarida Maia. As viagens de Cecília. Comunicação apresentada no **Seminário Internacional Cecília Meireles: 100 anos**. São Paulo: USP, 2001. (No prelo).
- MEIRELES, Cecília. **Nunca mais... e Poema dos poemas**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.
- MEIRELES, Cecília. **Baladas para El-Rei**. Rio de Janeiro: Lux, 1924.
- MEIRELES, Cecília. Canção possível. In: **Portugal Feminino**. Lisboa, n. 22, p. 2, 1931.
- MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- MEIRELES, Cecília. **Espectros** (ed. fac-similada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- QUEIRÓS, Eça de. Um génio que era um santo. In: **Notas contemporâneas**. Lisboa: Livros do Brasil, s/d., p. 251-288.
- PANIKKAR, Raimundo. Tiempo e historia en la tradición de la India. In: AA VV. **Las culturas y el tiempo**. Salamandra: Ed. Sígueme, 1979. p. 67-88.
- QUENTAL, Antero de. **Sonetos**. Pref. de J. P. Oliveira Martins. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.
- QUENTAL, Antero de. **Obras completas – Cartas I**. Org. e notas de Ana Maria Martins. Lisboa: Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989a.
- QUENTAL, Antero de. **Obras completas – Cartas II**. Org. e notas de Ana Maria Martins. Lisboa: Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989b.
- QUENTAL, Antero de. **Obras completas – Filosofia**. Org., intr. e notas de Joel Serrão. Lisboa: Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991.
- SACHET, Celestino (Org. e notas). **A lição do poema**; cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**; o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SENA, Jorge de. Cecília Meireles ou os puros espíritos. In: **Diário de Notícias**, Lisboa, 26 de novembro, 1964.
- SERRÃO, Joel. Devir e ser na rota anterior; introdução a Antero de Quental. In: **Obras completas – Filosofia**. Lisboa: Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, p. IX-L, 1989.